ISSN: 2594-4630
Vol. 5, n. 3

REVISTA DE ENSINO EM ARTES, MODA E DESIGN
DOSSIÊ ESPECIAL I ENCONTRO DE GTs DO COLÓQUIO DE MODA

EDITORIAL

Sobreviver é a melhor maneira de resistir

Mara Rúbia Sant'anna
Cyntia Tavares

A pandemia revolucionou o cotidiano de todos, mas não só.

A pandemia nos fez parar, alterar rotinas, adquirir novos ritmos e hábitos, porém não apenas isso.

A pandemia nos gerou ansiedades, angústias, sobrecargas de trabalho e muitas incertezas, dentre tantas outras horas de sono perdidas.

A pandemia fez o mundo parar, a natureza respirar nos primeiros dias de lockdown, contudo, agitou as governanças e os planejamentos.

A pandemia produziu as contaminações, essas as complicações orgânicas e no caso de 581.228 brasileiros, hoje dia 01 de setembro de 2021[1], os levou a óbito.

A pandemia provocou indescritíveis lamentos, como os dos amigos, amores e familiares destes milhares de brasileiros que faleceram, e também provocou transformações e necessidades até então não imaginadas.

Diante da condição humana, diante da dor do desemprego e da fome ou da ausência sentida do amor que se foi, sem mesmo o direito de um adeus ao lado do corpo jaz sem vida, as mudanças vividas no mundo acadêmico se tornam diminutas em sua importância ou discussão. Dentre os destroços, por que lamentar a porcelana quebrada?

Todavia, mesmo assim, nós os sobreviventes temos, mais do que nunca, o dever de fazer com que o mundo acadêmico, aquele que socorreu o mundo diante de todas as incertezas e gerou o alívio de um "enfim, vacina", permaneça vivo e atuante.

1 https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19 Acesso em: 01/09/2021.

Como o nadador que pensa em mais uma braçada a fim de alcançar a borda olímpica, a Associação Brasileira de Estudos e Pesquisa em Moda, após cogitações e reflexões em grupo, adequou-se ao mundo em ebulição pela pandemia e organizou uma versão alternativa do 16º Colóquio de Moda, previsto para se realizar no Ceará, em setembro de 2020. Contando com "tudo isso vai passar", elaborou um evento diferente, que acalentasse as pesquisadoras, as pessoas de todos os matizes e interesses que gravitam em torno do maior evento acadêmico de moda do Brasil. Assim, surgiu o 1º Encontro dos Grupos de Trabalho do Colóquio de Moda, realizado de maneira online, de 16 de outubro a 02 de dezembro de 2020, por meio da plataforma de streaming YouTube[2].

Realizado o evento a cada dia, num cronograma levado a risca, todas as pessoas envolvidas tiveram oportunidade de ouvir, ver, pensar e, muitas vezes, comunicar suas pesquisas, experiências profissionais e trabalhos desenvolvidos.

Foram estes internautas, no isolamento de suas casas, diante da solidão de suas telas que receberam o convite para participar da atual edição especial da Revista de Ensino em Artes, Moda e Design.

Cada interessado teve a oportunidade de submeter seu trabalho até abril de 2021, o adequando às normas do periódico e submeter, novamente, seus esforços acadêmicos à avaliação de pares.

Nem todos conseguiram atentar para os prazos ou normas, nem todos foram aprovados nesta nova rodada de leituras, porém, nem por isso, deixaram de contribuir para que o campo amadureça na reflexão sempre necessária da moda e sua dimensão histórica, cultural, sociológica, produtiva e tecnológica. Em especial, neste tempos de tantas mudanças e reflexões, os textos apresentados durante o evento *on line* e muitos do que foram submetidos atentaram para uma dimensão urgente de reflexão e revisão: o sistema de moda e sua constante reprodução de privilégios, de discursividades normativas, impositoras de padrões e invisibilidades. O ano de 2020 foi um ano em que as falas, reflexões e escritas do "Colóquio" debruçaram-se efetivamente sobre as questões da decolonidade e sua pauta de discussão: os insistentes negacionismos de uma sociedade produzida na diversidade e na pluralidade.

Como nos diz Luciana Ballestrin, sintetizando o pensamento de Sérgio Costa (2006) a decolonidade ou o pós-colonialismo - primeira nomenclatura utilizada pelos pesquisadores latino-americanos atentos a sua condição sócio-histórica-cultural – coloca lado a lado diante de suas diferentes perspectivas, o "caráter discursivo do social", o "descentramento das narrativas e dos sujeitos contemporâneos", o "método da desconstrução dos essencialismos" e a "proposta de uma epistemologia crítica às concepções dominantes de modernidade" (COSTA, 2006, p. 83-84 apud BALLESTRIN, 2013, p. 90), o que, por sua vez, exige dos pesquisadores brasileiros do campo da moda, filiados ao olhar decolonial, a mesma atenção às discursividades que os corpos vestidos emitem, a fim de descentralizar as narrativas hegemônicas e os modelos sociais impostos, optando por métodos e teorias que não partam de supostas essências

2 Disponível abertura em: https://www.youtube.com/watch?v=MyGrduYDeYk. Acesso em 01/09/2021.

e que, permanentemente se mantenham críticos, inclusive diante de respostas prontas e frases de efeito que, na ânsia da luta, são repetidas até o esvaziamento dos sentidos, das reivindicações e das realidades envolvidas.

Para não alongar demais este editorial, de uma revista voltada para o ensino, nada melhor que lembrar do mestre Paulo Freire, cuja sensibilidade pós-colonial foi precursora de muitas outras, porque sempre esteve atento ao seu entorno, capaz ao diálogo e fascinado pela diferença:

> A educação importada, manifestação da forma de ser de uma cultura alienada, é uma mera superposição à realidade da sociedade importadora. E, porque assim é, esta "educação", que deixa de ser porque não está sendo em relação dialética com o seu contexto, não tem nenhuma força de transformação sobre a realidade (FREIRE, 2011, p. 117-118).

Como educadoras, esperamos que a decolonidade se faça presente no sistema de moda pela capacidade crítica e inventiva dos designers, mas também dos gestores, do time de marketing e propaganda, dos consumidores, dos formadores de opinião, dos pesquisadores e, especialmente, dos que exercem a docência nos cursos superiores de moda em nosso país. Afinal o futuro exige um mundo acadêmico cada vez mais presente, menos encastelado em suas torres de títulos e editais e apto a provocar as transformações fundamentais para a existência da humanidade com justiça social e sensibilidade.

Como disse João Colares ao concluir sua tese:

> É urgente, em todo caso, que sigamos avançando na construção de práticas, conceitos e linguagens que fortaleçam uma pedagogia crítica decolonial em nosso continente, ligada a um projeto de emancipação que garanta o direito de todos à existência, ao trabalho, à liberdade, à justiça e à educação (COLARES MOTA NETO, 2015, p. 348).

Ainda, uma última coisinha, devido à abertura do 15º Fórum de Escolas de Moda, o primeiro de maneira online, em 08 de setembro de 2021 a 1ª parte da 3ª edição da Revista de Ensino em Artes, Moda e Design será lançada no evento, sendo que a 2ª parte da mesma edição será acrescida, como previsto para a periodicidade quadrimestral, em 01 de outubro deste ano.

Votos de boa leitura de todos os textos que, corajosamente, foram duplamente revisados, tanto pelo comitê científico do 1º Encontro de GT's do Colóquio, como pelo comitê consultor deste periódico e, que por sua contribuição e valor, foram, mais uma vez, aprovados para publicação.

REFERÊNCIAS

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 15ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MOTA NETO, João Colares da. **Educação popular e pensamento decolonial latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2015.